



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

ANDRÉ LUIZ GARDESANI PEREIRA

**RECEPÇÃO E HORIZONTES DE LEITURA DO DIREITO NA
TRAGÉDIA GREGA: *PROMETEU PRISIONEIRO, ANTÍGONE E AS
BACANTES***

São José do Rio Preto, SP

2022

ANDRÉ LUIZ GARDESANI PEREIRA

**RECEPÇÃO E HORIZONTES DE LEITURA DO DIREITO NA
TRAGÉDIA GREGA: *PROMETEU PRISIONEIRO, ANTÍGONE E AS
BACANTES***

Tese apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutor pelo Programa de Doutorado em Letras (Área de Concentração – Teoria Literária), do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Gentil de Faria

São José do Rio Preto

2022

P436r

Pereira, André Luiz Gardesani

Recepção e horizontes de leitura do direito na tragédia grega :
Prometeu prisioneiro, Antígone e As bacantes / André Luiz Gardesani
Pereira. -- São José do Rio Preto, 2022

295 f. : il., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto

Orientador: Gentil Luiz de Faria

1. Estética da recepção. 2. Direito e literatura. 3. Literatura grega -
História e crítica. 4. Teatro grego (tragédia). 5. Interpretação. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ANDRÉ LUIZ GARDESANI PEREIRA

**RECEPÇÃO E HORIZONTES DE LEITURA DO DIREITO NA
TRAGÉDIA GREGA: *PROMETEU PRISIONEIRO, ANTÍGONE E AS
BACANTES***

Tese apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutor pelo Programa de Doutorado em Letras (Área de Concentração – Teoria Literária), do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Gentil de Faria, UNESP
Orientador

Profa. Dra. Regina Zilberman, UFRGS

Prof. Dr. Fernando Brandão dos Santos, UNESP

Profa. Dra. Maria Heloísa Martins Dias, UNESP

Prof. Dr. Claudio Aquati, UNESP

São José do Rio Preto

09 de abril de 2021

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Cecília (*in memoriam*), pelo exemplo de amor incondicional e por sempre me incentivar a buscar os tesouros da cultura, sob todas as formas de arte e pensamento. Dizia as coisas mais profundas com doçura e simplicidade. Nossas conversas e discussões sobre mitologia grega permanecerão eternamente guardadas nos escaninhos da minha memória e no meu coração.

Ao meu pai, Nelson (*in memoriam*), pelo constante apoio material e orientação emocional.

A minha amada Renata, pelo constante apoio e incentivo. Certo dia, me surpreendeu com as versões de Trajano Vieira para *Prometeu prisioneiro*, *Antígone* e *As bacantes*. Tive a sorte de tê-la como companheira em viagem para a Grécia. Ainda me lembro perfeitamente: diante da Acrópole de Atenas, a luz jônica parecia melhor do que o sol. Mais de vinte e cinco séculos nos separavam da vida na antiga colina e nós dois ali, como nos versos dourados de Pessoa, “serenos e vendo a vida à distância”.

A Ceci, meu mais novo horizonte, que desde já, contemplo, fixamente.

Aos meus irmãos, Alexandra e Augusto César, que sempre permaneceram ao meu lado, auxiliando na construção dos meus sonhos.

Ao tio Vicente (*in memoriam*), exemplo de cultura jurídica, pelo constante incentivo.

À tia Cida pelo apoio, confiança e amor integral.

Ao Professor Gentil de Faria por ter inculcido em meu espírito o saber e o conhecimento, bem como pela constante dedicação e incentivo.

Aos Professores Regina Zilberman, Fernando Brandão dos Santos, Maria Heloisa Martins Dias e Claudio Aquati pelos preciosos ensinamentos e orientações, essenciais para o aprimoramento desta tese.

À Procuradoria Geral do Estado de São Paulo por todo suporte necessário, notadamente pela autorização para frequentar o curso.

Spector, this machine, you see here wound up to the full in such a way that the spring will slowly unwind the whole length of a human life, is one of the most perfect constructed by the infernal gods for the mathematical destruction of a mortal.

Jean Cocteau, *The Infernal Machine*

Todos os homens, por natureza, tendem ao saber.

Aristóteles, *Metafísica*

Na verdade, jamais existirá um leitor ante o qual se encontre simplesmente aberto o grande livro da história do mundo mas também não deverá nunca um leitor que, com um texto ante seus olhos, leia simplesmente o que está nele. Em toda leitura tem lugar uma aplicação, e aquele que lê um texto se encontra, também ele, dentro do sentido que percebe. Ele mesmo pertence também ao texto que entende.

Gadamer, *Verdade e método*

RESUMO

A Estética da recepção, como vertente da literatura comparada, apresenta concepções teóricas e metodológicas adequadas para a leitura, recepção e exegese do fenômeno jurídico na tragédia grega clássica, notadamente por meio das teorias de Iser sobre o preenchimento dos vazios e negatividades do texto e de Jauss sobre a historicidade da obra literária, sob os aspectos sincrônico, diacrônico e do cruzamento entre a recepção inicial e o processo de juízos históricos de leituras. A tese parte das contribuições fornecidas pelos teóricos do *Law and Literature Movement*, bem como dos estudos de literatura comparada, especialmente da confluência entre literatura e o direito. As teorias dos dois principais nomes da Escola de Konstanz, Jauss e Iser, aliadas à teoria de Eco sobre a definição de obra aberta e dos limites da interpretação, permitem, por meio da postura ativa do leitor, o estudo do fenômeno jurídico na tragédia grega clássica, de modo a alcançar o sentido mais original do texto, ou seja, aquele que o espectador provavelmente concebeu ao tempo da sua primeira fruição, bem como aferir a recepção e os efeitos produzidos ao longo da evolução das leituras na cadeia diacrônica. Esta tese também tem por escopo identificar os leitores primários e secundários da tragédia ática, sua adequação aos esquemas e classificações de leitores propostos pelos teóricos da Estética da recepção, analisar a problemática da “competência receptiva”, a atividade do leitor diante das balizas e negatividades do texto trágico e as repercussões do texto no público leitor. O *corpus* de pesquisa é composto por três tragédias: *Prometeu prisioneiro*, de Ésquilo; *Antígone*, de Sófocles e *As bacantes*, de Eurípides, selecionadas com base na articulação e no intenso diálogo intelectual que os três grandes autores trágicos desenvolvem entre si, bem como na elevada inclinação ideológica e jurídica dessas obras. Como resultado, serão obtidos novos esquemas de leitura do direito na tragédia grega, possibilitando, mediante uma participação mais incisiva do leitor, o intercâmbio entre o sistema cultural e jurídico atual e do passado grego, de modo a promover entendimentos sobre o senso de direito e de justiça, novas visões de mundo e a transformação de horizontes de expectativas.

Palavras-chave: Estética da recepção; direito e literatura; tragédia grega; história; interpretação.

ABSTRACT

The Aesthetics of Reception, as a branch of comparative literature, presents theoretical and methodological conceptions suitable for the reading, reception and exegesis of the legal phenomenon in classical Greek tragedy, notably through Iser's theories on filling the voids and negativities of the text and Jauss on the historicity of the literary work, under the synchronic, diachronic aspects and the crossing between the initial reception and the process of historical judgments of readings. The thesis starts from the contributions provided by theorists of Law and Literature Movement, as well as studies of comparative literature, especially the confluence between literature and law. The theories of the two main names of the Konstanz School, Jauss and Iser, combined with the theory of Eco on the definition of open work and the limits of interpretation, allow, through the reader's active stance, the study of the legal phenomenon in classical Greek tragedy, in order to achieve the most original meaning of the text, that is, the one that the viewer probably conceived at the time of its first jouissance, as well as to measure the reception and the effects produced along the evolution of the readings in the diachronic chain. Such thesis also aims to identify the primary and secondary readers of the attic tragedy, their suitability for the reader schemes and classifications proposed by Aesthetics of Reception theorists, analyze the problem of "receptive competence", the reader's activity in the face of the bounds and negativities of the tragic text and the repercussions of the text on the reading public. The research *corpus* consists of three tragedies: *Prometheus Bound*, by Aeschylus; *Antigone*, by Sophocles and *The Bacchae*, by Eurípides, selected based on the articulation and intense intellectual dialogue that the three great tragic authors develop among themselves, as well as on high ideological and legal inclination of these works. As a result, new schemes for reading law in the Greek tragedy will be obtained, allowing, through a more incisive participation of the reader, the exchange between the current cultural and legal system and the Greek past, in order to promote understandings about the sense of law and justice, new worldviews and the transformation of horizons of expectations.

Keywords: Aesthetics of Reception; law and literature; Greek tragedy; history; interpretation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1. Comparativo entre as traduções de Vieira e Kury para um trecho do <i>Prometeu prisioneiro</i> , de Ésquilo	31
Quadro 2. Comparativo entre as traduções de Vieira e Kury para um trecho de <i>Antígone</i> , de Sófocles	32
Quadro 3. Comparativo entre as traduções de Vieira e Kury para um trecho de <i>As bacantes</i> , de Eurípides	32
Quadro 4. Quadro-resumo das inclinações estéticas, ideológicas e jurídicas de Ésquilo, Sófocles e Eurípides	133
Fluxograma 1. Representação esquemática do modelo de leitura sincrônica ou não histórica da tragédia grega	47
Fluxograma 2. Representação esquemática do modelo de leitura diacrônica ou histórica da tragédia grega	49
Figura 1. Cratera em sino, pintada entre os anos 330 e 320, com imagens do cenário de <i>Ifigênia em Táuris</i> , de Eurípides	99
Figura 2. Planta baixa do teatro de Epidauro	101
Figura 3. Planta baixa do teatro de Dioniso	102
Figura 4. Planta da estrutura do sistema panóptico	103
Figura 5. Alto-relevo em que o poeta grego Meandro (342-291) aparece segurando máscaras teatrais. Cópia romana do original grego feita entre o final do século I a.C. e o início do século I d.C.	109
Figura 6. Pintura do século IV demonstrando atores, máscaras e vestimentas	110
Figura 7. Face A do vaso <i>Skýphos</i> , pintado entre 520 - 510, por Heron: homens trajando indumentária hoplita montados em golfinhos em frente a um tocador de auletés	111

Figura 8. Face B do vaso <i>Skýphos</i> , pintado entre 520 - 510, por Heron: jovens montados em avestruzes em frente a um tocador de auletés	111
Figura 9. Jarro ático do século V: “Dança de Perseu”	140
Figura 10. Reconstrução do estado original do vaso “Dança de Perseu”	140
Figura 11. Mênade. Fragmento de cerâmica grega dos séculos VI a IV	166
Figura 12. Sátiro e Mênade. Fragmento de cerâmica grega dos séculos VI a IV	166
Figura 13. Detalhe de uma taça espartana, feita entre os anos 560 e 650, em que Atlas aparece sustentando a abóbada celestial e uma águia come o fígado de Prometeu	175
Figura 14. Antígone escoltada por dois guardas à presença de Creon. Detalhe de um vaso grego da segunda metade do século V	182
Figura 15. A morte de Penteu. Cerâmica ática de 480	190

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Entre <i>Os persas</i> e <i>As bacantes</i> : a seleção do <i>corpus</i>	16
1.2 Textos antigos, teorias modernas	18
1.3 Arqueologia das fontes e premissas metodológicas	21
1.4 Traduções	26
2. QUESTÕES DE TEORIA	34
2.1 A Estética da recepção	37
2.2 Hermenêutica trágica sob a perspectiva da Estética da recepção	41
2.2.1 Progressão dos horizontes de leitura	43
2.2.2 Estética produtiva e estética receptiva	49
2.2.3 Instâncias de controle e limites da teoria	53
2.2.4 A tragédia grega como obra aberta	56
2.2.5 Literatura engajada: a efetividade prática da tragédia grega	58
3. CONFORMAÇÃO DO REPERTÓRIO: CULTURA HISTÓRICA, JURÍDICA E ESTÉTICA	60
3.1 Contexto histórico e cultural das tragédias	63
3.1.1 Da tirania de Pisístrato à democracia de Péricles	64
3.1.2 Anatomia da tirania grega	67
3.1.3 Heroísmo grego: guerras externas e internas	71
3.2.4 Religião	74
3.2.4.1 Celebrando Dioniso	76
3.2.4.2 Sacrifícios	78
3.2.4.3 Funerais e homenagens póstumas	79

3.2 O direito na Grécia antiga	81
3.2.1 Do <i>oikos</i> (οἶκος) à <i>pólis</i> (πόλις): a laicização do direito	83
3.2.2 As instituições e o processo ático: <i>graphe</i> (γραφή) e <i>diké</i> (δίκη)	87
3.3.3 Direito e tragédia	91
3.3 Estética e tragédia grega	95
3.3.1 O espetáculo: elementos trágicos e condições de representação	97
3.3.1.1 O espaço teatral no processo de comunicação	98
3.3.1.2 O herói e o público	104
3.3.1.3 Máscaras e indumentária: projeções das personagens no público	107
3.3.1.4 O papel do coro	110
3.3.1.5 Diálogo, ação e poder catártico	112
3.3.1.6 Conflito dramático e dialética trágica	114
3.3.1.7 O sentido trágico	116
4. ESTÉTICA PRODUTIVA: OS AUTORES	118
4.1 Histórias de vida	120
4.2 A questão da autoria	123
4.3 Inclinações artísticas, filosóficas e jurídicas	127
4.4 Diálogos intelectuais e articulações ideológicas	134
5. ESTÉTICA RECEPTIVA: OS LEITORES	137
5.1 Os primeiros leitores	139
5.1.1 Espectadores pobres	141
5.1.2 Estrangeiros e metecos	142
5.1.3 Mulheres	144
5.1.4 Escravos	145
5.2 Recepção secundária	145
5.3 Competência receptiva	146
5.4 O papel do leitor: zonas de determinação e poética da negatividade	150

5.5 Função social da recepção	152
6. LEITURA SINCRÔNICA	155
6.1 As peças	157
6.2 Fontes e antecedentes míticos	162
6.3 Prognoses de leituras sincrônicas	167
6.3.1 <i>Prometeu prisioneiro</i>	168
6.3.2 <i>Antígone</i>	179
6.3.3 <i>As bacantes</i>	189
7. LEITURA DIACRÔNICA	201
7.1 Cartografia da recepção	202
7.1.1 <i>Prometeu prisioneiro</i>	203
7.1.2 <i>Antígone</i>	213
7.1.3 <i>As bacantes</i>	225
7.2 Concretização e intersecções entre sincronia e diacronia	232
7.2.1 <i>Prometeu prisioneiro</i> : a saga pelo direito como ciência da razão	234
7.2.2 <i>Antígone</i> : a eterna perquirição pelo direito ideal	237
7.2.3 <i>As bacantes</i> : entre os extremos do racionalismo e do irracionalismo jurídico	240
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	244
NOTAS	259
REFERÊNCIAS	280

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pelos estudos de Literatura Comparada e os diálogos entre o sistema artístico e o sistema jurídico entraram na minha trajetória acadêmica em 2010, quando iniciei um Curso de Extensão Universitária de “Inglês Jurídico”, ministrado pelo Professor Gentil de Faria, docente do Programa de Pós-Graduação. Logo surgiu um convite para assistir, na condição de aluno ouvinte, a algumas aulas por ele ministradas e, assim, conhecer os delineamentos teóricos desta instigante área dos estudos literários. Verbalizei o desejo de ingressar no Mestrado e, em contrapartida, recebi um acalorado incentivo. A admissão no programa não tardou a se consumir.

Minha relação com o direito e com a tragédia grega é bem mais antiga. Graduei-me em direito em 2001 e, alguns anos mais tarde, ingressei nos quadros da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo. Ao perceber a possibilidade de construir uma ponte entre a minha formação e a literatura, pude resgatar um fascínio que, desde pequeno, mantinha pela cultura e história dos gregos.

Quando ingressei no Curso de Mestrado, em 2012, com a proposta de estudar a imbricação entre mito, literatura e direito em *Édipo rei*, de Sófocles, sedimentou-se uma ponte entre a minha formação jurídica e a literatura trágica antiga. Concentrei minhas leituras na obra de pensadores modernos como Nietzsche, Lévi-Strauss, Foucault, Knox, Campbell, Eliade e Vernant. Do ponto de vista estritamente literário, aprofundei-me no estudo dos trágicos, notadamente na tragédia sofocliana. Defendi minha dissertação de Mestrado com o título final de “Confluências entre mito, literatura e direito em *Édipo rei*, de Sófocles”. O estudo tinha como principal objetivo identificar os fatores de conexão entre essas áreas do saber na tragédia grega, propondo reflexões em torno dessas disciplinas.

O Mestrado me trouxe o incentivo à interdisciplinaridade e também o contato com inovadoras vertentes da Literatura Comparada, em especial a Estética da recepção, por meio dos estudos de Jauss e Iser. A relação entre leitor e a literatura, baseada no caráter histórico e a textura aberta do teatro grego me incentivaram a repensar e inverter o eixo em que a dissertação de Mestrado havia sido estruturada, ou seja, no movimento de passagem do mito para a literatura trágica e como esta revelaria o direito, sobretudo por meio dos conceitos aristotélicos. Foi, portanto, uma investigação conduzida na direção texto-contexto e baseada na vertente do direito na literatura (*law in literature*), que tem como objeto o estudo da temática jurídica nos textos literários.

Esse o percurso acadêmico que me conduziu à preparação desta tese de doutorado, na qual procuro, por meio da conciliação entre textos antigos e uma teoria literária moderna, apresentar uma nova possibilidade de avaliação da tragédia grega. Dessa forma, proponho a investigação dos textos trágicos por mim selecionados com base no provável efeito provocado pelo espetáculo dramático nos primeiros espectadores, bem como do texto trágico na sucessiva geração de leitores. O estudo do direito na tragédia grega, em síntese, parte das contribuições fornecidas pela Estética da recepção, especialmente as teorias de Jauss sobre os horizontes no processo histórico das leituras, de Iser sobre o preenchimento dos vazios do texto e de Umberto Eco sobre a definição de obra aberta e dos limites da interpretação.

Muitas foram as razões de ordem teórica e prática que me impulsionaram a realizar uma investigação a respeito da leitura e da percepção do direito na literatura trágica grega utilizando-se dos instrumentais apresentados pela Estética da recepção. A reconstrução do direito grego antigo constitui atividade de elevada complexidade. A Grécia antiga possuía muitas formas de organização estatal e variadas instituições e pensamentos jurídicos, o que ocasiona diferenças marcantes entre as suas cidades-Estados, já que cada uma das dezenas de *pólis* (*πόλις*) era dotada de um sistema jurídico próprio. Além disso, os gregos antigos não se preocupavam em sistematizar as normas existentes, o que causa grande dificuldade para o ato de reminiscência, diante da carência de fontes documentais. Some-se a isso o fato de que o direito, entre os gregos, era raro na forma escrita, pois decorria da própria noção de justiça, a qual fazia parte da consciência coletiva do povo. Por conseguinte, os achados históricos envolvendo o direito grego antigo são raros ou se apresentam na forma de fragmentos esparsos, o que dificulta seu conhecimento, desencadeando o surgimento de inúmeras lacunas históricas. Assim, o estudo do direito na tragédia, mediante a adoção dos métodos da Estética da recepção representa uma forma de descobrir categorias e normatividades do direito grego, subsidiando os estudos de historiografia filosófica e do direito. O direito, assim como a literatura, resulta da produção humana e encontra-se vinculado ao tempo histórico em que a sociedade que o instituiu está inserida e, nesse contexto, a análise sincrônica e diacrônica da tragédia seria de grande relevância para a compreensão das leituras jurídicas iniciais e sucessivas. Objetiva-se, ainda, vencer o distanciamento entre presente e passado, mediante a reconstituição, por meio do texto trágico, do horizonte de expectativa e da recepção e dos prováveis efeitos das tragédias nos primeiros espectadores.

Mesmo tratando-se de obras clássicas que compõem o cânone literário, sua continuidade histórica depende de novas leituras. Somente por meio de uma indagação formulada por um leitor atual é que se torna possível a construção de um elo com os horizontes

do passado e alguma significação do texto para os dias de hoje. A concretização dos textos trágicos selecionados, nos termos das reflexões jausserianas, faria com que o direito grego deixasse de ser pensado como um direito meramente histórico e sem grandes repercussões na elaboração dos sistemas jurídicos da civilização ocidental, passando, também, a ser dotado de um significado prático para a vida do homem contemporâneo. A tragédia grega servirá como algo a mais do que um prazer meramente artístico. Por meio de uma nova percepção da realidade, o leitor estaria apto a criar novos horizontes de expectativa. Desse modo, esta tese também não carece de relevância social, pois contribuirá no sentido de obter uma “reambientação” das categorias jurídicas do direito grego para o nosso contexto jurídico, social e cultural. As investigações também auxiliam na caracterização do leitor ideal para o estudo do direito na tragédia.

Além de promover a leitura e a percepção do direito na tragédia grega segundo as definições, princípios e metodologia oferecidas pela Estética da recepção, objetiva-se delinear um novo esquema de leitura do fenômeno jurídico no texto trágico, concentrado no preenchimento dos vazios do texto e no cruzamento entre análises sincrônicas e diacrônicas, mediante uma participação mais incisiva do leitor. Necessariamente a caracterização do leitor do direito na tragédia e os limites da abordagem recepcional aplicada ao texto trágico tornam-se vias obrigatórias para atingir esses objetivos.

Todos esses motivos me levam a acreditar que este estudo pode resultar em um importante material de consulta e pesquisa para todos que lidam de uma maneira ou de outra com o assunto, vale dizer, acadêmicos de Letras, de Direito, de História e de outras áreas das ciências humanas, escritores, críticos literários, magistrados, advogados e pesquisadores em geral, que podem estar incluídos na instância de leitores ideais da tragédia.

É, portanto, a partir dessa perspectiva moderna de estudos comparados, interdisciplinares e de recepção estética que a análise da literatura grega clássica, centrada nas três tragédias selecionadas será promovida, evocando-se outras obras, aproximando-as e colocando-as em paralelo com a tragédia grega, buscando preencher vazios, inter-relações e interpretações atualizadas.

1.1 Entre *Os persas* e *As bacantes*: a seleção do *corpus*

Atualmente, quando falamos em literatura trágica grega, estamos nos referindo às obras conservadas de três grandes dramaturgos: Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Modernos estudos

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com textos antigos é uma atividade árdua ao pesquisador, já que o passado não pode ser reconstruído por meio de um discurso preciso. Zonas de penumbra e obscurantismo sempre se farão presentes, tornando o estudo do passado, especialmente quando distante e remoto, uma tarefa extremamente laboriosa. A diversidade de contextos faz com que a distância entre o horizonte de expectativa e compreensão da instancia produtiva, receptiva e dos textos estudados seja muito maior. A distância histórica e estética das tragédias estudadas; entre o nosso horizonte de expectativa e o dos textos; entre o que sabemos dos gregos antigos e a experiência estética e histórica dos primeiros espectadores, constitui relevante dificuldade para o estudo da tragédia grega clássica, sob o ponto de vista da Estética da recepção. Ademais, quando se conjuga novos pontos de vista sobre textos antigos, os quadros bibliográficos apresentam-se menos completos e a leitura mais fatigante, pois exige-se uma pesquisa muito mais atenta e minuciosa. O que efetivamente restou do “mundo das tragédias” e que nos pode proporcionar certo alento em termos de reconstrução da experiência trágica foram apenas as anotações aristotélicas e a reduzida parcela das peças que nos foram legadas.

Outra adversidade a que gostaria de me referir, ainda que brevemente, nestas linhas derradeiras, refere-se à necessidade de adequação dos entornos teóricos de uma abordagem moderna, a Estética da recepção, a textos escritos há mais de dois mil e quinhentos anos. A identificação dos leitores primários e secundários da tragédia ática, sua adequação aos esquemas e classificações de leitores propostos pelos teóricos da estética receptiva, a problemática da “competência receptiva”, a atividade do leitor diante das balizas e negatividades do texto trágico, a função social da recepção e as repercussões do texto no público leitor, representaram apenas alguns dos problemas teóricos que procurei responder ao longo desta tese. Foi necessário promover, de um lado, uma série de combinações e ajustes, com o escopo de acomodar, em termos acadêmicos, a teoria da recepção à tragédia grega clássica.

As contribuições fornecidas pelos teóricos do *Law and Literature Moviment* ao lado dos estudos de literatura comparada, especialmente da comparação da literatura com outras esferas do conhecimento humano, representaram o primeiro substrato teórico desta tese e serviram para justificar as profusas confluências entre a literatura e o direito. A Estética da recepção constitui uma das vertentes da literatura comparada e apresenta instrumentais adequados para a leitura, recepção e exegese do fenômeno jurídico na tragédia grega. Procurei me manter dentro dos limites da teoria, especialmente dos dois principais nomes da Escola de Konstanz: Jauss e Iser.

É certo que a teoria receptiva trata da literatura, mas não há dúvidas que também pode servir como suporte teórico para a análise da recepção de outras formas de arte, como o teatro. Nesse sentido, ela possibilita o mais alto nível de conhecimento e compreensão da tragédia grega, não apenas por meio do estudo dos próprios textos, mas por albergar uma dimensão efetivamente histórica da literatura e das relações intertextuais.

A Estética da recepção, por aceitar a história como aliada na busca da reconstrução da leitura sincrônica e diacrônica dos textos antigos, representa um instrumento teórico e metodológico apropriado para a compreensão do sentido e significado dos vazios que permanecem encobertos pelas camadas do tempo. Os vazios e as indeterminações desencadeiam um processo de comunicação entre texto e leitor, pois é no campo do indeterminado, do vazio, que o leitor deve atuar. O fogo e a regeneração do fígado do herói, em *Prometeu prisioneiro*, possuem significados que devem, a toda evidência, serem colmatados pelo leitor. Em *Antígone*, o diálogo entre Antígone e Creon não deixa claro se o embate contrapõe o direito da cidade e o direito natural ou o direito que rege o espaço público e o direito que regulamenta o espaço privado. Em *As bacantes*, o interrogatório de Dioniso é marcado por um jogo de lacunas e ambiguidades, notadamente nas passagens que se referem à identidade do deus. Portanto, em todas as hipóteses apresentadas, o leitor, por meio de sua sensibilidade receptora, é convidado a preencher lacunas, solucionar ambiguidades e conferir ao significante um novo significado.

A leitura sincrônica ou não histórica da tragédia grega pode considerar tanto a série de leituras contemporâneas à recepção originária, como a multiplicidade de leituras da tragédia em um determinado período. Limitei o presente estudo à primeira vertente, ou seja, à reconstrução dos efeitos gerados no público pela representação originária da tragédia, no palco do teatro ático. Considerarei, para tanto, elementos imaginários e passados, constituídos pelo arcabouço histórico, cultural e jurídico que os integrantes da plateia traziam consigo, bem como elementos reais e atuais, que equivalem aos mais diversos componentes materiais e imateriais da performance trágica, como espaço cênico, dramaturgo, atores, coro, máscara, personagens, dentre outros, ou formais, como diálogo, conflito dramático, *peripeteia*, *anagnorisis* e *catastrophe*, *hamartia*, *hýbris*, *katharsis*, *mimesis* etc. A estética produtiva (dramaturgos) e a receptiva (público ou plateia) ocupam cada um dos dois polos do processo de comunicação ficcional. Sincronicamente, pode-se afirmar que existe certa similitude de repertório ou de horizonte de expectativas entre eles, o que equivale dizer que ambos interpretam a mesma experiência, mas sob perspectivas diversas: os dramaturgos, valendo-se dos temas mitológicos e de uma ampla variedade de aspectos colhidos da realidade, de acordo com suas convicções

artísticas, ideológicas e jurídicas, compõe as tragédias destinadas à representação cênica; o público, por sua vez, lê e interpreta a realidade encenada. Se por um lado é certo que a recepção e os impactos das tragédias sobre o espectador primeiro não pode mais ser recuperada, por outro, não menos certo é o fato de que ela pode ser reconstruída, por meio do repertório de um leitor “implícito” ou “modelo”, historicamente situado a partir da primeira representação e especialmente no tempo presente. Em contrapartida, a leitura diacrônica ou histórica apresenta, de um lado, os dramaturgos integrando a estética produtiva e, de outro, o conjunto de gerações de leitores do texto trágico sob a forma escrita. Conforme o repertório de cada leitor, individualmente considerado, novos sentidos e significados podem ser atribuídos ao texto.

A interação entre leitor e texto ocorre por meio da estrutura aberta da tragédia, a qual consiste na sua complexidade, na ausência da instância narrativa, na imprevisibilidade do fim e na multiplicidade de interpretações possíveis. Acrescente-se, ainda, que o mito, como matéria prima do texto trágico, pode sofrer modificações de significados e interpretações renovadas, em conformidade ao momento histórico vivido pelo leitor, o que reforça, ainda mais, a caracterização da estrutura textual aberta da tragédia. Pode a tragédia grega clássica, nesse sentido, se enquadrar na definição de “obra aberta” apresentada por Eco, segundo a qual, o texto seria um universo aberto em que o intérprete pode descobrir infinitas conexões. O leitor, tanto quando reconstrói uma provável leitura sincrônica como quando atualiza o sentido e o alcance do texto, atuará de modo a preencher as lacunas deixadas pelos dramaturgos, possibilitando, com isso, o processo de comunicação com a tragédia. Essa atividade do leitor, entretanto, apresenta-se limitada pelas “instâncias de controle”. No caso do leitor implícito, que realiza atividade de reconstrução da recepção e do efeito inicial, as instâncias de controle a que se sujeita encontram-se nos textos trágicos como zonas objetivamente determinadas, tais como noções jurídicas, conceitos e termos da historiografia e da filosofia de época. Deverá, portanto, recuperar os significados históricos dos termos empregados na tragédia, bem como a realidade histórica, cultural e jurídica vigente ao tempo do texto. Já no caso do leitor explícito, situado ao longo da cadeia diacrônica, o processo de comunicação, de igual forma, se dá pelo preenchimento de vazios, sem sujeição absoluta ao horizonte histórico e estético de produção do texto, razão pela qual sua leitura e interpretação possuem caráter subjetivo e não vinculado, o que justifica a variedade de significados e interpretações. O controle da atividade de colmatação das lacunas, neste caso, continua a ser o texto, na medida em que interpretações exageradas, incoerentes e absurdas, que apresentem dissimilaridades, distanciamentos ou contrariedade à singularidade do texto, não devem ser aceitas. Em suma, o controle da atividade do leitor implícito ocorre pela estrutura do texto, bem como pelo contexto. Em contrapartida, a

atividade do leitor explícito é controlada apenas pelos elementos presentes e evidenciados no texto, podendo ele adaptar e reler a tragédia de acordo com o seu cenário atual. Seria o caso, por exemplo, de ampliar o conceito de tirania para os tiranos de hoje ou comparar os esforços de Antígone a esforços feministas.

Iser chama de “repertório” a capacidade cultural do leitor, que lhe garante abordagens adequadas e coerentes do texto, obstando, dessa forma, que ultrapasse seus limites. Trata-se, portanto, de tema que aparece imbricado à formação do leitor da tragédia. A competência do leitor da tragédia grega, sobretudo em se tratando de reconstrução da recepção e efeito inicial, deve corresponder a muito mais do que a mera descodificação de palavras e signos textuais, de modo a abranger um repertório composto por conhecimentos a respeito do “mundo da tragédia” (históricos e culturais) e de estética trágica, além do conhecimento das representações dos dramaturgos. Somente por meio desse repertório é que o leitor poderá cobrir os vazios e os intervalos de uma herança cultural que nos foi legada de modo fragmentado.

Não acredito na possibilidade de resgatar a recepção original das tragédias, mas é possível recuperar impactos por elas causados quando surgiu, mediante a lógica da pergunta e da resposta e a adoção de esforços no sentido de buscar a aproximação com o horizonte de expectativa da tragédia grega, o que se dá mediante a pesquisa histórica e a consequente incorporação ao repertório de elementos pertencentes ao projeto de mundo do momento da escrita, o que deverá ser buscado por meio da leitura de obras que integrem o mesmo sistema literário, histórico, filosófico e jurídico da obra. Considerei, nesse sentido, a posição historicamente privilegiada de Sólon, Heródoto, Tucídides, Demóstenes, Platão e Aristóteles, bem como o conjunto das obras legadas pelos três grandes dramaturgos. Foi preciso, noutras palavras, se cercar de uma série leituras paralelas e contemporâneas aos textos das tragédias para reconstruir a experiência receptiva do público do teatro ático.

Além da imersão cultural, histórica e jurídica, o conhecimento das qualidades estéticas da trágica grega e do espaço teatral possibilita ao leitor a identificação de informações fundamentais para a compreensão não apenas do fenômeno trágico, mas também do direito da época. De fato, as questões de estética trágica apresentadas por Aristóteles, na *Poética*, como *hybris* e *hamartia*, auxiliam o leitor a melhor compreender a relevância do controle das emoções, da razoabilidade e da moderação em sociedade. Quanto ao espaço teatral, a oposição entre o espaço cênico e o extracênico, estabelece uma simbologia dialética que pode conduzir a dualidades relacionadas ao próprio direito grego antigo, como é o caso dos conflitos entre humano e divino e entre o espaço privado e o espaço público. Os espaços de visualização oficiais e não-oficiais do teatro grego traziam ao público uma ideia das relações sociais na

cidade, marcadas pela intensa estratificação. O estudo do herói trágico e das condições de sua identificação, determinam a forma de sua comunicação com o público, gerando modelos de conduta a serem ou não seguidos no âmbito da cidade. O coro, outro importante elemento do espetáculo, poderia apresentar aos espectadores, conselhos ou julgar as ações das personagens, absolvendo-as ou condenando-as. O embate verbal entre as personagens emerge como elemento de suma importância numa sociedade marcada pela função social, política e jurídica da palavra. Enfim, a “dialética trágica” compunha-se de elementos próprios da resolução dos conflitos no campo jurídico, ou seja, a tese, a antítese e a síntese. Portanto, somente por meio da incorporação de elementos estéticos ao repertório do leitor é que ele passará a se identificar com a obra trágica e a conhecer aspectos do gênero que afetaram os primeiros espectadores. Além disso, sem a experiência estética, o leitor enfrentaria sérias dificuldades para reconstruir o horizonte de expectativa estético e jurídico das tragédias estudadas e dos primeiros espectadores.

Todo processo literário, inclusive das tragédias, envolve duas fases: a estética produtiva, que corresponde ao processo de escrita, o qual deve ser compreendido em estrita consonância com o contexto histórico e cultural de criação da obra; e a estética receptiva, relativa ao ato de leitura e ao leitor. A estética produtiva determina o surgimento da obra e restringe-se a sua época, ao passo que a estética receptiva reconstrói o sentido originário da obra, de acordo com seus limites e período de tempo; ou confere à obra novos sentidos e significados, de acordo com as perspectivas de seus leitores em cadeia. É sempre importante dizer que a historicidade, na Estética da recepção, aparece deslocada dos modos de produção do texto para os modos da sua recepção. Tal fato, contudo, não invalida a estética produtiva, mas, ao contrário, a complementa. Não há, por outro lado, nenhuma primazia hermenêutica da recepção sobre a produção, mas apenas reconhecimento de que tanto produtores como receptores são partes ativas na produção do sentido e do significado dos textos. A Estética da recepção, ao contrário do que se pode imaginar, promove a análise da obra envolvendo todos os elementos do processo de comunicação, embora enfatize o leitor. Dessa forma, uma teoria da Estética da recepção aplicada à tragédia grega deve necessariamente observar a relação entre quatro elementos: 1) Estética produtiva (dramaturgos e processo de produção); 2) Estética comunicativa (representação cênica e texto); 3) Estética receptiva (espectadores, leitores e processo de recepção); e 4) Concretização (novos horizontes de compreensão, com funções emancipadora e prática).

Com relação ao polo produtivo da tragédia grega clássica, pode-se dizer que o conhecimento da história de vida dos tragediógrafos, dos modos de pensar e dos problemas

específicos com que tiveram que lidar foram importantes para a reconstrução do efeito provocado pela representação teatral no primeiro público. A incorporação ao repertório do leitor de conhecimentos de natureza estritamente biográfica não importa no afastamento da Estética da recepção. Primeiro porque o horizonte de expectativas dos dramaturgos e dos primeiros espectadores era o mesmo, ou seja, eles comungavam do mesmo contexto, razão pela qual o estudo dos dramaturgos fornece importantes elementos para melhor compreender a recepção das suas obras. Segundo porque a *intentio auctoris* pode assumir a função de estratégia textual ou hipótese hermenêutica destinada a elucidar a *intentio lectoris*, auxiliando, dessa forma, o preenchimento dos vazios. Terceiro porque os dramaturgos também se enquadram no conceito de leitor, na medida em que realizam uma leitura dos problemas reais em que se encontram imersos, estampando-os em suas obras, notadamente por meio de matizes e vestígios destinados a orientar o sentido e o significado da recepção. Finalmente, porque a tragédia grega não pode ser equiparada a uma entidade sem autor e a experiência histórica e estética jausseriana, ao reconhecer a *poiesis*, encampa também o aspecto autoral.

Defendi a ideia de que o polo receptivo da tragédia deva ser ocupado por um leitor dotado de uma enciclopédia ou repertório, que lhe possibilite êxito para reconstruir prováveis recepções sincrônicas ou atualizar a tragédia grega em todo seu conteúdo potencial. O aparato cultural do leitor de tragédias deve lhe proporcionar habilidades para preencher adequadamente as lacunas, decodificar os códigos textuais, bem como extrair do texto respostas que nem sempre são apresentadas de modo explícito.

Constatei que a subjetividade no ato de leitura encontra-se mais restrita em se tratando de reconstrução do horizonte de expectativas da recepção primeira e dos prováveis efeitos originários. No caso da leitura diacrônica ou histórica, quando objetivo da cooperação do leitor com o autor é a atualização do texto, a liberdade interpretativa é maior.

Para reconstruir a recepção inicial foi preciso, primeiro que tudo, identificar os receptores primários da tragédia ática, isto é, os leitores sincrônicos, os diferentes grupos que frequentavam o teatro grego, bem como suas ideias e visões da sociedade. Optei por me afastar das visões ortodoxas da historiografia clássica tradicional que apregoa que somente cidadãos do sexo masculino frequentavam o teatro grego, adotando, dessa forma, uma corrente ampliadora da audiência teatral, de modo a também abranger entre o público do teatro diferentes categorias sociais, desde cidadãos abastados a pessoas comuns, estrangeiros e escravos que acompanhavam seus senhores. O interesse do Estado em incentivar a presença de não-cidadãos me parece evidente, pois embora não participassem da vida política da cidade, estavam sujeitos à função social da tragédia grega: todos os presentes deveriam aprender a se comportar de

acordo com códigos exemplares de conduta, evitar a desmedia e o excesso de confiança. O espectador sincrônico, o público do século V, notadamente os integrantes da elite social, em virtude da identidade de horizonte de expectativas com as obras e seus autores, presumivelmente eram providos de competência receptiva inata. Mesmo para espectadores menos educados cognitivamente, emocional ou socialmente, a recepção da performance dramática poderia ocorrer, ainda que não plenamente, quer em razão de a tragédia “imitar” acontecimentos da realidade a que pertenciam, quer em virtude dos recursos de comunicação da tragédia, que, ao contrário do texto escrito, também engloba habilidades visuais e auditivas.

No palco do teatro, os atores representavam mitos e cenas cotidianas expressando sentimentos comuns e pertencentes ao público. Havia um reconhecimento, por parte do espectador, de práticas e ações que também eram suas. O teatro era imitação de tudo aquilo que era comum aos atenienses. Homens, mulheres, ricos e pobres, estrangeiros, escravos, todos e cada qual a seu modo, eram atingidos pela encenação, ainda que em diferentes níveis. Além de espaço artístico, o teatro era também um espaço político, pois as questões sociais eram refletidas e pensadas e os espectadores convidados a comparar a sua realidade com a realidade encenada.

Quando, por outro lado, leva-se em conta a necessidade de reconstrução da recepção inicial ou mesmo a forma como as tragédias foram lidas e interpretadas por seus diferentes leitores ao longo da cadeia de recepção, a “competência receptiva”, face à distância temporal entre os horizontes de produção, do texto e do leitor, já não é supostamente inata, mas pode ser adquirida, mediante a conformação de um repertório adequado. O leitor comum, que lê por deleite ou por mera fruição estética, geralmente não detém informações históricas, culturais, jurídicas e estéticas exigidas pelo texto. Concluo que, tanto o público originário, quanto o leitor ulterior que reconstrói o sentido e o significado da recepção originária se enquadram na figura do “leitor implícito”, por se tratar de leitores vinculados à estrutura objetiva do espetáculo cênico ou do texto, embora possam ser convidados, em certos momentos, a preencher vazios. A diferença entre ambos reside no fato de que a competência receptiva é presumivelmente inata ao público do teatro ático, notadamente à elite social, e deve ser adquirida pelo leitor que objetiva reconstruir a recepção inicial. Se o público originário e o leitor ulterior que busca reconstruir a recepção e os efeitos originários são considerados leitores implícitos, o leitor historicamente situado na cadeia diacrônica que interpreta o texto de acordo com sua experiência e repertório particular, se adequa ao conceito de “leitor explícito”, por realizar interpretação subjetiva, ou seja, conforme sua própria recepção, e não vinculada ao contexto da obra.

Portanto, como leitores diacrônicos considere todos os grandes interpretes e leitores que se sucederam à representação primeira, que reconstituíram os seus efeitos (leitores implícitos) ou que conferiram aos textos escritos da tragédia renovadas interpretações de acordo com o seu momento histórico (leitores explícitos). No primeiro caso, repito, a atividade de leitura apresenta-se vinculada ao sistema de significação histórico, jurídico e estético que respalda o texto, sem margem para subjetividades por parte do leitor. No segundo, a atividade de leitura não se apresenta vinculada ao “mundo da tragédias”, podendo o leitor valer-se de seus sistemas de significados para atualizar o sentido e o significado do texto, com o escopo de adaptá-lo ao momento histórico vivido. Como se pode perceber, o papel literário do leitor implícito é diferente do desempenhado pelo leitor explícito, em razão de estar estritamente vinculado a uma rede de estruturas textuais que pedem uma resposta e obrigam o leitor a captar possíveis sentidos e significados originários do texto. Em ambos os casos, é importante ressaltar a necessidade de conformação de um repertório adequado, não apenas para evitar os fenômenos da “superinterpretação” ou da “interpretação paranoica”, mas também para permitir o estabelecimento de diferenças e semelhanças entre a reconstrução da recepção e efeito inicial e as leituras elaboradas por diferentes leitores na série diacrônica.

Em primeiro lugar, foi preciso efetuar as possíveis reconstruções da recepção originária pelo leitor implícito, para, em seguida, analisar as projeções hermenêuticas dos leitores explícitos ao longo da cadeia diacrônica. O texto das peças, por si só, não pode servir como parâmetro absoluto para estabelecer o efeito da tragédia no público primeiro. Dessa forma, a etapa inicial para a reconstrução da possível recepção e efeitos originários, consistiu na recuperação do horizonte de compreensão do passado obtido mediante investigação sobre o universo das tragédias, a qual funcionou como importante instrumento destinado ao preenchimento dos vazios e controle do percurso de leitura. Nesse passo, é de suma importância ter em mente que não obstante as informações históricas possam ser recuperadas, não há nenhuma garantia de que elas nos serão restituídas tal como aconteceram, de modo que a reconstrução da recepção e efeitos iniciais foi efetivada no campo meramente hipotético.

Uma técnica hermenêutica que foi bastante útil no processo de reconstrução de prováveis efeitos iniciais das tragédias foi a “lógica da pergunta e da resposta”, um conceito de Jauss que possibilitou a reconstrução do diálogo da tragédia com seu público original e sua compreensão a partir do entendimento da pergunta a que ela serviu de resposta. As tragédias gregas surgiram em reação às necessidades do público da sua época, de modo que somente através do entendimento da pergunta a que serviram de resposta é que se tornou possível aferir quais os valores que se apresentam em rota de colisão no palco do teatro ático. Tomando como

pressuposto a mencionada lógica, foi possível identificar uma série de questões a que as três tragédias analisadas funcionaram como resposta. A primeira delas equivale à “crise de valores” da época: uma profunda transformação cultural que promoveu a contraposição entre valores antigos e novos; entre os costumes arcaicos, de caráter religioso e pré-civilizatórios e as novidades do movimento sofístico, com a consequente visão racional do mundo; entre as tradições religiosas seculares e a racionalidade humana; entre a adoração a deuses antigos e a ordem da *pólis*. Conflitos dessa natureza sempre aparecem bem delimitados entre as duas figuras que representam cada um dos polos em dissensão: Prometeu e Zeus, por meio das divindades auxiliares; Creon e Antígone; Penteu e Dioniso.

A mencionada “crise de valores” vigente no mundo grego, refletiu nas tragédias questões das mais diversas, como a ideia de substituição de um espaço privado (*oîkos*) por um espaço público (*pólis*), presente tanto no *Prometeu prisioneiro*, em *Antígone*, como em *As bacantes*. No espaço privado, predominava a vontade dos chefes de família que julgavam seus subordinados, de acordo com as leis reveladas pelos deuses (*nomia*), segundo critérios de justiça divina e de direito arcaico e religioso (*Thémis*). As relações, nesse espaço, eram desiguais e assimétricas. No espaço público da *pólis*, os homens são relativamente livres e iguais, regidos em suas relações pela *nomos*, lei escrita fundamentada na vontade de todos, segundo o direito novo, a *Diké*.

As três tragédias analisadas retrataram o momento de transição da religiosidade grega para a razão democrática. A inversão do sistema patriarcal em que as mulheres abandonam a reserva e a modéstia da vida doméstica, partindo para o espaço público, encontra-se presente em *Antígone* e em *As bacantes*. Ser vencido por uma mulher representa um medo comum a Creon e a Penteu. O embate entre a vida selvagem e a ordem cívica aparecem retratados tanto no *Prometeu prisioneiro* como em *As bacantes*. O conflito entre leis divinas e humanas não se restringe apenas a um confronto entre homens e deuses como aparece em *Prometeu prisioneiro* e em *As bacantes*, pois ela também pode se referir a um conflito restrito a homens e instituições mundanas, como ocorre em *Antígone*, um conflito entre instituições sociais, a família regida pela lei divina de um lado, e o Estado sob o estatuto da lei humana, de outro.

Também pude constatar, nas três tragédias, que a ideia negativa da tirania ganhou contornos bastante similares: Ésquilo, Sófocles e Eurípides referem-se ou, ao menos, buscam atribuir, respectivamente a Zeus, Creon e Penteu, as características de um autêntico *týrannos*. Os conceitos de tirano e de tirania, devem ser entendidos, ao se reconstruir a leitura primeira da tragédia, conforme seus significados histórico e político: um regime de governo, caracterizado por ilegalidades e abusos, exercido por um soberano que ascendeu ao poder por

meio da violência. Noutras palavras, devem ser compreendidos de acordo com os relatos de pensadores e historiadores que viveram ao tempo dos “três grandes”, como Platão, Aristóteles, Heródoto, Tucídides, dentre outros, cujas obras devem compor a inteligibilidade de todo leitor contemporâneo que pretenda reconstruir a recepção originária. A indiferença aos deuses e às leis divinas, o ultraje a mulheres, acusações sem lastro probatório, condenações sem prévio julgamento e a desconsideração da vontade popular, são apenas algumas das características formadoras da figura de um legítimo tirano no contexto da Grécia antiga e que aparecem retratados nas três tragédias. O comportamento tirânico de Zeus, materializado na tragédia por suas divindades auxiliares, de Creon e de Penteu, dificilmente agradariam a audiência original predominantemente composta por cidadãos democráticos.

As tragédias demonstraram, aos espectadores, que a punição dos heróis trágicos, ocorre para controlar os vícios da *hybris* e da *hamartia*. Os conceitos da estética aristotélica, dessa forma, também foram úteis para identificar a temática jurídica e o direito nas tragédias.

A tragédia se comunica com o público e passa-lhe normas, que podem reforçar comportamentos em vigor ou influenciar novos comportamentos na vida cotidiana. Os dilemas apresentados pelos dramaturgos, provocaram a plateia sobre as formas de se fazer justiça, de modo a instigá-la a repensar valores, preparando-a para os questionamentos da nova realidade democrática. Quem agiu com justiça? Quem estava certo ou errado? Prometeu que ao roubar o fogo divino, trouxe os benefícios das artes e da ciência ao homem, permitindo a ele o ingresso na casa da cultura ou Zeus, que atuando por meio de suas divindades, puniu um infrator que pretendia colocar homens e deuses em pé de igualdade? Antígone que defendia os laços de sangue e o costume sagrado de enterrar os mortos da família ou Creon ao defender a cidade e não conferir honrarias fúnebres ao inimigo? Dioniso ao permitir ao homem a superação dos seus limites, por meio do êxtase e do delírio próprios do seu culto, promovendo, ainda, a igualdade e união entre todos no âmbito da cidade ou Penteu que objetivava proteger a cidade e a ordem social contra os excessos da religião adventícia?

Em escritos anteriores, tentei encontrar uma solução para a polarização trágica. Sinceramente, esperava que houvesse uma. Entretanto, a contradição trágica, quer ocorra no mundo dos deuses, quer ocorra entre deuses e homens, quer ainda, exclusivamente entre homens, é mesmo inconciliável. Não existe apenas uma forma de direito ou de justiça, que detenha precedência hierárquica sobre as demais. Diante da ausência de uma solução satisfatória, inicialmente, quis reduzir minha compreensão sobre o conflito a um simples paradoxo. Somente mais tarde, fui perceber que de paradoxo não se trata. O antagonismo trágico nada mais é do que um convite à reflexão sobre a pluralidade de direitos a que os gregos

deviam se habituar. A lógica trágica, para usar a metáfora de Vernant e Vidal-Naquet, consiste em “jogar nos dois tabuleiros” (2008, p. 15), movimentando as peças de um sentido para outro, sempre consciente da oposição de valores, mas sem renunciar a nenhum deles. A mente do homem grego foi treinada, dessa forma, a pensar em polaridades e antagonismos; categorizar, distinguir e opor.

Os debates em torno de valores ambíguos integrantes do pensamento jurídico e social próprio da cidade, no teatro grego, tinham sua importância prática, pois, parte do público que frequentava o teatro era aquele que se reunia na *Ágora*, onde as decisões deveriam ser tomadas por consenso, em nome do interesse comum, o que implicava em convencer e persuadir, por meio da retórica e da oratória. Mesmos aqueles que estavam impedidos de frequentar a assembleia, mas que compareciam ao teatro, tinham em suas consciências um conjunto de códigos derivados do mundo mítico encenado nos palcos, por meio do qual organizavam as suas percepções de mundo. A tragédia grega era, portanto, um importante veículo de difusão de valores políticos e jurídicos, necessários à manutenção da ordem social.

Somente com a reconstrução do horizonte de expectativas do passado e dos possíveis sentidos e significados originários das tragédias, é que se tornou possível compreender as mudanças pelas quais passaram as recepções da tragédia ao longo do tempo. Por meio da leitura diacrônica ou histórica constatei a possibilidade de a tragédia se atualizar, como resultado das leituras em cadeia. Nisso consiste a historicidade da literatura: a possibilidade de mutação do sentido e significado no tempo, o que aponta para a imprescindibilidade da atividade do leitor.

Iniciei o inventário das leituras diacrônicas, apresentando os primeiros poetas e filósofos que aprofundaram e atualizaram o estudo de cada tragédia, especialmente os alemães Goethe, Hegel, Hölderlin, Schlegel, Schelling, Nietzsche, dentre outros. Na sequência, cataloguei as leituras realizadas por modernos pensadores, como Jebb, Reinhardt, Lesky, Kitto, Vernant, Knox, Segal, Romilly e Kamerbeek. Toda lista traz consigo a frustração da incompletude, da falta. Porém tenho a certeza de que nenhum mapeamento de leituras diacrônicas deixaria de fora os leitores que figuram nesta tese. Enfatizei que esta não representa uma investigação de evolução histórica das leituras e interpretações das tragédias. Meu objetivo não foi esgotar todas as gerações de leitores e traçar uma irrepreensível evolução histórica, mas demonstrar como a teoria da Estética da recepção pode ser útil para evidenciar como as tragédias foram recebidas dentro de uma cadeia de recepção. Na cadeia diacrônica, o que realmente importa é a série de leituras e a forma como foram feitas, de modo a traçar uma história das tragédias escrita pelos leitores, demonstrando, com isso, semelhanças e distinções entre as leituras em série, a

comunicação das leituras com o mundo e as experiências de cada leitor, a apropriação de leituras antecessoras e o intercâmbio de ideias.

A leitura diacrônica ou não-histórica da recepção demonstrou que as recepções encontram-se sempre vinculadas à visão de mundo e ao contexto dos leitores. O contributo de cada leitor ou geração de leitores é sempre mais evidente quando se considera a periodização global: os antigos veneravam o mito, a matéria prima da tragédia, como uma história sagrada, que se passou em um tempo primordial e que apresentava modelos exemplares para o homem; o pensamento medieval já não atribuía ao mito atributos positivos, de modo que as tragédias ou eram lidas como um disfarce pagão da bíblia ou adaptadas, de modo a assimilar os preceitos da fé cristã; com o Renascimento, a antiguidade clássica reaparece, a fé no divino se mantém, mas ela dá lugar ao humanismo e à luz do conhecimento. Se por um lado o tempo percorrido foi relativamente curto, condensado nas principais leituras ocorridas a partir do século XVIII, por outro, foi possível constatar, por meio do mapeamento das leituras diacrônicas, que a tragédia grega antiga, pode deflagrar um processo de comunicação com leitores atuais, causando impacto e possibilitando o intercâmbio com sistemas históricos e jurídicos de outros períodos, promovendo entendimentos, novas visões de mundo e emancipação.

O século XVIII ficou conhecido como o “século das luzes”, em razão das ideias iluministas que povoaram a Europa e se espalharam pelo mundo inspirando revoluções. O iluminismo, sob os influxos da ciência e do positivismo em voga, fez com que as leituras das tragédias deixassem de ser irracionais e metafísicas, mas, em contrapartida, valorizou os heróis trágicos como verdadeiros símbolos de liberdade e resistência ao poder absoluto. O romantismo, em reação ao racionalismo iluminista, pregava a emoção acima da razão, insuflando as personagens e os mitos trágicos com um espírito novo, baseado no subjetivismo, na metafísica e na ideia do mal. Com o advento da contemporaneidade, as leituras das tragédias passaram a carecer de estabilidade. As incertezas entre o humano e o divino, entre a ciência e a religião, entre o medo e o heroísmo, conferiram às tragédias leituras marcadas pela indeterminação, pela multiplicidade de formas de ver o mundo, mestiçagem entre culturas e estilos, relativização da verdade e defesa de indivíduos ou interesses de grupos minoritários. O conhecimento e a ciência deveriam trazer segurança ao homem, o que não aconteceu: a humanidade passou por diversas revoluções que precederam duas guerras mundiais, invenção de armas de destruição em massa, crises ambientais, pandemias e epidemias. O fracasso da ciência gerou inquietações e uma nova crise de pessimismo. A partir do século XX, teve início uma fase de decadência do mito e conseqüentemente da tragédia grega. O homem deixou de temer a Deus, sobretudo depois das palavras das personagens de Dostoiévski (“se Deus está

morto, tudo é permitido”)²¹⁸ e de Nietzsche (“Deus está morto. Deus continua morto. E nós o matamos”; 2001, p. 148). O mito se viu dessacralizado e destituído de seu principal elemento, o conteúdo simbólico e normativo.

O mapeamento da cadeia diacrônica de leitura das três tragédias também permitiu verificar que o ato de leitura, como prática cultural, varia de leitor para leitor, de intérprete para intérprete, de acordo com o repertório de cada um. Os signos de leitura são abertos a múltiplas interpretações e cada leitor é dotado de autonomia e capacidade imaginativa para atribuir sentidos e significados ao texto que descodifica. Portanto, a descodificação do texto nas sucessivas leituras inevitavelmente sofre variações.

Quando os vazios e lacunas são preenchidos de acordo com o mundo e experiências históricas que respaldaram o texto, assim como quando devidamente reconstruídas as perguntas para as quais o texto inicialmente serviu de resposta, resgatam-se os sentidos e significados originários da tragédia grega, os quais são imutáveis, pois apesar de perdido o contexto de mundo a que integra, o texto permanece o mesmo, ainda que sem o público do teatro ático do século V. Em contrapartida, quando, ao longo da história da recepção, os mesmos vazios e lacunas são colmatados de acordo com o repertório, contexto e vivência pessoal de cada leitor, a tragédia pode ganhar novos sentidos. É sobre essa via de mão dupla que ocorre a denominada “fusão de horizontes”, gerando a concretização e a emancipação do leitor.

A tragédia grega, a exemplo de toda obra canônica, representa não apenas os anseios do momento histórico de sua produção, como também a possibilidade de gerar, sobre ótica de pensamento posterior, novas reflexões sobre a temática que seus textos abordam, por meio da atualização dos espaços vazios. Entre os espectadores do teatro ático, os temas trágicos suscitavam, por meio da catarse, a mudança do horizonte de expectativas, amadurecendo, com isso, a consciência coletiva. O teatro alimentava a consciência coletiva dos cidadãos, impulsionando-os a desenvolver reflexões políticas e jurídicas. Novos caminhos, tanto para o direito, como para a democracia, eram apresentados. Mas não é apenas na relação sincrônica entre público e encenação teatral que se materializa a função emancipadora, já que ela se manifesta por toda cadeia diacrônica, proporcionando aos leitores novos códigos de conduta, visões de mundo e soluções para os problemas práticos da realidade presente.

O cruzamento entre horizontes sincrônico e diacrônico permite a distinção entre duas espécies de concretização da tragédia: uma promovida pelo leitor implícito, que, ao reconstruir prováveis recepção e efeito inicial, realiza leitura respaldada no contexto de produção da obra, sempre baseado em suas estruturas objetivas; e outra, levada a cabo pelo leitor explícito, que,

ao longo da cadeia diacrônica, contribui com seu contexto de vida e suas experiências pessoais para a leitura, originando uma recepção subjetiva, já que condicionada pelo seu horizonte.

Esse cruzamento ou fusão de horizontes é de suma importância, pois somente por meio da leitura e compreensão das tragédias gregas em sua forma original é que se pode estabelecer semelhanças e diferenças hermenêuticas entre o horizonte de conhecimento passado e atual das tragédias, assim como promover o intercâmbio entre o leitor atual e leitores antigos, promovendo a apropriação de novos horizontes históricos e culturais. As atualizações das tragédias promovidas pelos leitores diacrônicos jungidas à fusão de horizontes é o que faz com que a Estética da recepção não seja reduzida ao mero registro de sucessão histórica, sob a concepção cronológica-evolutiva dos positivistas. Ao contrário, ela promove a mútua irrigação entre tempos diferentes, reavaliando e retomando o sentido e o alcance dos textos trágicos.

O mapeamento da recepção das tragédias que compõe o *corpus* desta tese, dentro da cadeia de leituras históricas sob o viés polarizado, parte, de certo modo, do mesmo conflito originário, ou seja, entre homens e deuses, entre razão e religião, entre o direito novo e o velho. Todas as leituras, realizadas em diferentes épocas e contextos, apresentam uma nota em comum, qual seja, um embate em busca da justiça e da pacificação social diante de um conflito de interesses, promovendo nos leitores das mais diversas épocas, questionamentos e reflexões sobre a justiça e a cultura jurídica. O cerne da tragédia grega consiste justamente nesse dilema que envolve a busca pela justiça e paz social. Por outro lado, a distância considerável entre horizontes pode conduzir os leitores e intérpretes a experiências até então desconhecidas, assim como à sua própria emancipação, por meio da obtenção de algum efeito prático no estudo das ideias do passado. Eis o resultado do cruzamento do horizonte de compreensão do passado com os horizontes de compreensões éticos-jurídicos-políticos levados a efeito pelos leitores do texto escrito (aspecto diacrônico). As tragédias estudadas fazem com que o leitores atuais sejam trasladados do seu mundo particular para outras realidades possíveis, ampliando, assim, seus horizontes de conhecimentos. A saga de Prometeu equivale à saga do homem em busca do conhecimento e do progresso cientificista. O direito, como ciência, pode ser considerado um privilegio prometeico, pois sua prática está intrinsecamente relacionado ao saber e à razão. O embate entre Antígone e Creon retomam a eterna necessidade de mediação entre o direito em vigor e o direito ideal ou mesmo entre os três pilares do mundo jurídico: a lei, o direito e a justiça. Penteu e Dioniso, entre os extremos do racionalismo e do irracionalismo, suscitam reflexões não apenas sobre a ambiguidade da condição humana, mas também sobre a moral e o direito, demonstrando que posições extremadas devem sempre ser evitadas, em prol do equilíbrio entre o que estabelece a ordem jurídica e o voluntarismo do julgador; entre a razão,

o subjetivismo e as necessidades sociais. O espectador ou o leitor de *Prometeu prisioneiro*, *Antígone* e *As bacantes* aprende a transformar e a controlar suas convicções. Aprende que solucionar os problemas cotidianos era o principal motivo que levava os gregos antigos a frequentar o teatro. A emancipação do leitor faz com que seu horizonte de expectativas se transforme, libertando-o das amarras e possibilitando novas percepções do mundo, notadamente sobre a capacidade de pensar sobre si e sobre o outro e, principalmente, sobre o senso de direito e de justiça.

A discussão em torno de uma teoria da recepção estética aplicada à tragédia grega, seja na perspectiva de Jauss, seja na versão de Iser, ou das definições que propus nesta tese, é, sem dúvida, um estudo que merece ser continuado por outros pesquisadores, sobretudo por ter o condão de despertar e trazer luz a uma importante instituição que funcionou e continua funcionando como relevante instrumento de conservação e comunicação de saberes: o teatro grego.

Espero que o percurso investigativo que desenvolvi possa ter despertado o interesse pela continuidade dos estudos sobre o tema. Tentei, por meio da perspectiva moderna de estudos comparados, interdisciplinares e de recepção estética analisar o fenômeno jurídico na tragédia grega, buscando a reconstrução da recepção e efeito inicial, o mapeamento das leituras diacrônicas, o preenchimento dos vazios, o cruzamento entre leituras sincrônicas e diacrônicas e a concretização dos textos. Da reavaliação de textos de quase dois mil e quinhentos anos floresceram relevantes contribuições para a abertura de novos horizontes de expectativas, descortinando-se, no discurso passado, respostas para inúmeros problemas do presente.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, D. Greek Tragedy and Law. **The Cambridge Companion to Ancient Greek Law**. Edited by Michael Gagarin and David Cohen. Cambridge: UP, 2005, p. 374-393.
- APOLODORO. **Contra Neera [Demóstenes]**. Trad. Glória Onelley. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. Adriano Correia. 11. ed., rev. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.
- ARISTÓFANES. **Rãs**. Trad. Maria de Fátima Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- ARISTÓTELES. Poética. Trad. Eudoro de Souza. *In: ____*. **Obras escolhidas (Os Pensadores)**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 241-321.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Universidade de Lisboa; Imprensa Nacional, 2005.
- ARISTÓTELES. **A política**. Trad. Nestor Silveira Chaves. Bauru, SP: Edipro, 2009.
- ARISTÓTELES. **Constituição de Atenas**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Marin Claret, 2015.
- ARNAOUTOGLU, I. **Leis da Grécia antiga**. Trad. Ordep Trindade Serra e Rosileia Pizarro Carnelós. São Paulo: Odysseus, 2003.
- ASSIS, O. Q.; KÜMPPEL, V. F.; SPAOLONZI, A. E. **História da cultura jurídica: o direito na Grécia**. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2010.
- BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BACHOFEN, J. J. **El matriarcado: una investigación sobre la ginococracia en el mundo antiguo según su naturaleza religiosa y jurídica**. Madrid: Akal, 1992.
- BACON, F. *De sapientia veterum*. *In: The Works of Francis Bacon*. James Spedding; Robert Leslie Ellis; Douglas Demon Heath (eds.). Cambridge: UP, 2011.
- BALL, D. **Para trás e para frente: um guia para leitura de peças teatrais**. Trad. Leila Coury. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BARBOSA, T. V. R. “Tradução de teatro grego: Édipo rei, de Sófocles”. *In: Cadernos de tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 22, p. 89-106, 2008.

- BARROS, G. N. M. de. **Sólon de Atenas**. São Paulo: Humanitas, 1999.
- BARROS, G. N. M. de. “Sólon de Atenas – cidadania e Paidéia”. *In: Hypnos*, São Paulo, n. 26, primeiro semestre de 2011. p. 36-47.
- BARTHES, R. “A morte do autor”. *In: O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BARTHES, R. “Da leitura”. *In: O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BARTHES, R. “O teatro grego”. *In: O óbvio e o obtuso – ensaios críticos III*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BARTHES, R. “Literatura e significação”. *In: Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BENJAMIN, W. “Para uma crítica da violência”. *In: Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.
- BERS, V. “Dikastic thorubos”. *In: Crux: Essays in Greek History presented to G. E. M. de Ste. Croix on his 75th Birthday*. Paul Cartledge and David Harvey (eds.). London: Imprint Academic, 1985, p. 1-15.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. **Bíblia sagrada**. Trad. Euclides Martins Balancin et. al. São Paulo: Paulus, 2011.
- BINDER, Guyora; WEISBERG, Robert. **Literary Criticisms of Law**. New Jersey: Princeton UP, 2000.
- BLAINEY, G. **Uma breve história do mundo**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2008.
- BOCCACCIO, G. **Genealogy of the Pagan Gods**. Trans. Jon Solomon. Cambridge: Harvard UP, 2011. 2 v.
- BODIN, J. **Method for the easy comprehension of history**. Trans. Beatrice Reynolds. New York: W.W. Norton & Company, 1969.
- BOFF, L. **Virtudes para um mundo possível. Hospitalidade: direito e dever de todos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- BOWRA, C. M. **Grécia clássica**. Trad. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- BRANDÃO, J. de S. **Teatro Grego: tragédia e comédia**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRANDÃO, J. de S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRUNO, G. **The Cabala of Pegasus**. Trans. Sidney L. Sondergard and Madson U. Sowell. New Haven: Yale UP, 2002.
- BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis**. Trad. David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

- BURNS, T. “Sophocles’ Antigone and history of the concept of natural law”. *In: Political Studies*. London: Political Studies Association, v. 50, n. 3, 2002. p. 545-557.
- BUTLER, J. **O clamor de Antígona**. Trad. André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2014.
- CAMÕES, Luís. **Os lusíadas**. Emanuel Paulo Ramos (org.). Porto: Porto Editora, [s.d.].
- CAMPBELL, J. “Temas mitológicos na arte e na literatura criativa”. *In: _____*. **Mitos, sonhos e religião**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- CAMPBELL, J. **Mito e transformação**. Trad. Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2008.
- CAMUS, A. **Núpcias, o verão**. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- CAMUS, A. **O homem revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1973. p. 109-138.
- CANDIDO, A. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- CARDOZO, B. “Law and Literature” *In: The Yale Review*. New Haven: Yale University, n. 14, jul. 1985. p. 699-706.
- CARPEAUX, O. M. “Antígona” *In: Ensaios reunidos, 1942-1978*. v. 1. Rio de Janeiro: Universidade Editora e Topbooks, 1999.
- CASTORIADIS, C. “A polis grega e a criação da democracia”. *In: As encruzilhadas do labirinto II*. Trad. Trad. José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 277-323.
- CAVICCHIOLI, M. R. “Fama e infâmia na sexualidade romana” *In: Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, n. 3, 2014. p. 153-169.
- COCTEAU, J. **The Infernal Machine and Other Plays by Jean Cocteau**. Trad. W.H. Auden. New Directions Books, New York, 1964.
- COULANGES, F. de. **A cidade antiga**. Trad. Fernando de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- CURADO, A. L. “Introdução” *In: Contra Neera [Demóstenes]*. Trad. Glória Onelley. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2013. p. 7-72.
- DELEUZE, G. “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. *In: Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DEMOSTHENES. “Against Timocrates” *In: The orations of Demosthenes*. Trans. Charles Rann Kennedy. The University of Illinois Library. London: George Bell & Sons, York St., Covent Garden and New York, 1892.

DEMOSTHENES. “Against Meidias” *In: Orationes*. Trans. J. H. Vince. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard UP, 1935. v. III, p. 6 - 153.

DEMOSTHENES. “Against Androtion” *In: Orationes*. Trans. J. H. Vince. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard UP, 1935. v. III, p. 156 - 211.

DEMOSTHENES. “Against Aristocrates” *In: Orationes*. Trans. J. H. Vince. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard UP, 1935. v. III, p. 214 - 369.

DEMOSTHENES. “Against Meidias” *In: Orationes*. Trans. J. H. Vince. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard UP, 1935. v. III, p. 6 - 153.

DEVEREUX, G. “The Psychotherapy Scene in Eurípidēs’ Bacchae” *In: The Journal of Hellenic Studies*. Cambridge: UP. v. 90, 1970. p. 35-48.

DIEL, P. **O simbolismo na mitologia grega**. Trad. Roberto Cacuro e Marcos Martinho dos Santos. São Paulo: Attar, 1991.

DODDS, E. R. “Maenadism in the Bacchae” *In: The Harvard Theological Review*. Cambridge UP, v. 33, n. 3, 1940. p. 155-176.

DODDS, E. R. “Eurípidēs the Irrationalist” *In: The Ancient Concept of Proffress and Other Essays on Greek Literature and Belief*. Oxford, 1973, p. 78-91.

DODDS, E. R. **Eurípidēs Bacchae**. Edited with Introduction and Commentary by E. R. Dodds. Nova York: Clarendon Press Oxford, 1986.

DOSTOIÉVSKI, F. **Os irmãos Karamazov**. Trad. Natalia Nunes e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

DUARTE, A. da S. “Por uma história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil”. *In: Translatio. Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva*, Porto Alegre, n. 12. p. 43-62.

DWORKIN, R. **Uma questão de princípio**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, U. **Lector in fabula**. Trad. de Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1985

ECO, U. **Os limites da interpretação**. Trad. P. de Carvalho. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

- ECO, U. **Interpretação e superinterpretação**. Trad. M. Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ECO, U. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Trad. Giovanni Cutolo São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIOT, G. "The Antigone and Its Moral". *In: Selected Essays, Poems And Other Writings*. London: Penguin Books, 1990, p. 363-366.
- ÉSQUILO. **Oréstia: Agamêmnon, Coéforas, Eumênides**. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- ÉSQUILO. **Os sete contra Tebas**. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- ÉSQUILO. *Prometeu prisioneiro*. Trad. Trajano Vieira. *In: ALMEIDA, G. de; VIEIRA, T. Três tragédias gregas: Antígone, Prometeu prisioneiro, Ajax*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ÉSQUILO. *Os persas*. Trad. José Antônio Alves. *In: Letras Clássicas - Entre o êthos e o eidos, entre a enárgeia e a euidencia*, São Paulo, v. 19, n. 2, 2015. p. 197-228.
- ÉSQUILO [et al.]. **O melhor do teatro grego**. Trad. Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Editora: Zahar, 2013.
- EURÍPIDES. **As bacantes**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70, 1998.
- EURÍPIDES. **As bacantes**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- EURÍPIDES. **Ifigênia em Áulis, As Fenícias e As Bacantes**. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- EURÍPIDES. **Medeia**. Trad. Trupersa (Trupe de *Tradução* de Teatro Antigo). Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (org.). São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- EURÍPIDES. **Fragments: Aegeus-Meleager**. Trans. Christopher Collard, Martin Cropp. Cambridge: Harvard UP, 2008. p. 156-169.
- ESSLIN, M. **Uma anatomia do drama**. Trad. Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FAILLA, Z (org). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FARIA, G. de (org). **Direto e literatura: confluências e afinidades**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.
- FARIA, G. de. **Estudos de literatura comparada**. Curitiba: Appris, 2019.

FEITOSA, L. C. “Gênero e Sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias” *In: História; Questões & Debates*. Curitiba: Editora UFPR. n. 48/49, 2008. p. 119-135.

FINLEY, M. **Os gregos antigos**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1977.

FISH, S. **Is there a text in this class? The authority of interpretative communities**. Cambridge: Harvard UP, 1980.

FISS, O. Objectivity and Interpretation. *In: Stanford Law Review*. Stanford, v. 34, 1982. p. 739-763.

FOLEY, H. P. “The Masque of Dionysus” *In: Transactions of the American Philological Association*. Baltimore: The Johns Hopkins UP, v. 110, 1980. p. 107-133.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

FRYE, N. **Anatomia da crítica**. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

FULLER, L. **O caso dos exploradores da caverna**. São Paulo: Geração Editorial, 2007.

FUNARI, P. P. “Romanas por elas mesmas” *In: Cadernos pagu*, Campinas-SP, n. 5, 1995. p. 179-200.

FUNARI, P. P. “Trajano Vieira, As bacantes de Eurípidés” *In: Letras Clássicas*, São Paulo, n. 5, 2001. p. 307-309.

FUNARI, P. P. “Guerra do Peloponeso” *In: Histórias das guerras*. Demérito Magnóli (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 19-46.

FUNARI, P. P. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2011.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2008. 2 v.

GARDESANI, A. “Prometeu acorrentado: aspectos jurídicos e literários de uma tragédia grega” *In: Direto e literatura: confluências e afinidades*. Gentil de Faria (org.). São Paulo: HN/Cultura Acadêmica, 2015.

GARDESANI, A. “A representação do feminino e o estatuto jurídico da mulher em ‘A matrona de Éfeso’ e ‘O amante no jarro’” *In: Nuntius Antiquus: revista de estudos antigos e medievais*, Belo Horizonte: NEAM/Faculdade de Letras da UFMG, v. 15, n. 2., jul./dez. 2019. p. 77-102.

GAGNÉ, R.; e HOPMAN, M. G. “Introduction: The chorus in the middle”. *In: GAGNÉ, Renaud; e HOPMAN, M. G. Choral Meditations in Greek Tragedy*. New York: Cambridge UP, 2013. p.1-34.

GILISSEN, J. **Introdução histórica ao direito**. Trad. A.M. Hespanha e L. M. Macaísta Malheiros. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GIORDANI, M. C. **Iniciação ao Direito Romano**. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 1996.

GIORDANI, M. C. **História da Grécia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GODOY, A. S. de M. **Direito e literatura: ensaio de síntese teórica**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

GOETHE, J. W. von. **Prometheus**. Trans. Michael Hamburger. *In: Goethe’s Collected Works: Selected Poems*. New York: Suhrkamp, 1983.

GRIFFITH, M. **The Authenticity of Prometheus Bound**. Cambridge: Cambridge UP, 1977.

GRIMAL, P. **O teatro antigo**. Trad. António M. Gomes da Silva. Lisboa: Edições 70, 2002.

GUMBRECHT, H. U. **A modernização dos sentidos**. Trad. de Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Editora 34, 1998.

HABERMAS, J. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada**. Trad. Lúcia Aragão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

HALL, E. Lawcourt Dramas: Acting and Performance in Legal Oratory *In: HALL, E. The Theatrical Cast of Athens Interactions Between Ancient Greek Drama and Society*. Oxford UP, 2006. p. 353-392.

HALL, E. Towards a Theory of Performance Reception. *In: Theorising Performance. Greek Drama, Cultural History and Critical Practice*. Hall, E.; Harrop, S. (orgs.). Great Britain: Duckworth, 2010a.

HALL, E. **Greek Tragedy: Suffering Under the Sun**. Oxford: UP, 2010b.

HAMILTON, R. “A New Interpretation of the Anavysos Chous” *In: American Journal of Archaeology*. Boston: Archaeological Institute of America, v. 82, 1978. p. 385-387.

HARRIS, E. M. Demosthenes’ Speech Against Meidias *In: Classical Philology*. Harvard Studies. v. 92, 1989. p. 117-136.

HARVEY, P. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HEGEL, G. W. F. **Curso de estética: o belo na arte**. Trad. Orlando Vitorino e Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 2011.

HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Trad. de Emanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Universidade de Brasília e Tempo Brasileiro, 1987.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HERINGTON, J. **Aeschylus**. New Haven: Yale UP, 1986.

HERÓDOTO. **Histórias**. Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HOBBS, T. **Do cidadão**. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HÖLDERLIN, F. **Poemas**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2009.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2009.

HUBBARD, T. K. Recitative Anapests and the Authenticity of Prometheus Bound. *In: The American Journal of Philology*. The Johns Hopkins UP. v. 112, n. 4, 1991. p. 439-460.

HUDDILSTON, J. H. "An Archaeological Study of the Antigone of Eurípides" *In: American Journal of Archaeology*. V. 3, n. 2/3. United States: Archaeological Institute of America. 1899, p. 183-201.

HUGHERS, A. The 'Perseus Dance' Vase Revisited. *In: American Journal of Archaeology*. Boston: Archaeological Institute of America, v. 25, 2016. p. 418-433.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas**. Trad. de Željko Loparic e Andréa M. A. de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ISER, W. "A interação do texto com o leitor". *In: LIMA, L. C. (org). A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

ISER, W. **O fictício e o imaginário - perspectivas de uma antropologia literária**. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999a. 2 v.

ISER, W. "Teoria da recepção: reação a uma circunstância histórica". Trad. Bluma Waddington Vilar e João de Castro Rocha. *In: ROCHA, J. C. de C. (org.). Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999b. p. 19-33.

ISER, W. **How to Do theory**. Oxford: Blackwell, 2006.

JABOUR, D. C.; TOURINHO, R. M. “E se Prometeu se desacorrentar?” *In: Pulsional: revista de psicanálise*, São Paulo: Escuta. Ano XIX, n. 185, 2006. p. 20-25.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. Trad. Arthur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JARDÉ, A. **A Grécia antiga e a vida grega: geografia, história, literatura, artes, religião, vida pública e privada**. Trad. Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Edusp, 1973.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, H. R. “A estética da recepção: colocações gerais”. *In: LIMA, L. C. (org.). A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

JAUSS, H. R. “O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis”. *In: LIMA, L. C. (org.). A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 85-103.

JEBB, R. **Essays and Addresses**. Cambridge: UP, 1907.

JONES, A. H. M. “Atenas e Esparta” *In: LLOYD-JONES, Hugh (coord). O mundo grego*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 63-77.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obras completas de Carl Gustav Jung. Volume IX/1. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JUNQUEIRA, E. B. **Literatura & direito: uma outra leitura do mundo das leis**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 1998.

KIERKEGAARD, S. **Either/or**. Trans. Howard V. Hong and Edna H. Hong. New Jersey: Princeton UP, 1987.

KNOX, B. **The Heroic Temper. Studies in Sophoclean Tragedy**. Berkeley: University of California Press, 1992.

KNOX, B. **Édipo em Tebas: o herói trágico de Sófocles e seu tempo**. Trad. Margarida Goldsztyrn. São Paulo: Perspectiva, 2002.

KITTO, H. D. F. **Tragédia grega**. Trad. José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Arménio Amado Editora, 1972.

KOVACS, D. Text and transmission. *In: GREGORY, J. (ed.). A companion to greek tragedy*. Oxford: Blackwell, 2005. p. 379-93.

KRAEMER, R. S. Ecstasy and Possession: The Attraction of Women to the Cult of Dionysus *In: The Harvard Theological Review*, Cambridge UP. v. 72, n. 1/2, p. 55-80, 1979.

KURY, M. da G. “Introdução” *In: A trilogia tebana: Édipo rei, Édipo em Colono, Antígona*. Trad. Mário da Gama Kury. 15 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

- LACAN, J. **O seminário**. Livro 7. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- LAURAND, L. **História da literatura grega clássica**. São Paulo: Anchieta, 1946.
- LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- LEFKOWITZ, M. **The Lives of the Greek Poets**. University of North Carolina Press, 1981.
- LESKY, A. **A tragédia grega**. Trad. J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- LESSA, P. **Estudos de philosophia do direito**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1912.
- LIMA, A.; e CATELLI JÚNIOR, R. (coords.). **INAF Brasil 2018**. Instituto Paulo Montenegro. 2018. Disponível em: <https://ipm.org.br/relatorios>. Acesso em: 13, mar., 2020.
- LIMA, L. C. “O leitor demanda (d)a literatura”. *In: A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. LIMA, L. C. (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LLOYD-JONES, H. Zeus in Aeschylus. *In: Greek Epic, Lyric, and Tragedy – The Academic Papers of Sir Hugh Lloyd-Jones*, Oxford, 1990. p. 238-261.
- LOPES, J. R. de L. “O mundo antigo, Grécia e Roma” *In: O direito na história: lições introdutórias*, Rio de Janeiro: Max Limonad, 2000. p. 29-41.
- LOPES, J. R. de L. **O direito na história: lições introdutórias**. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARMELSTEIN, G. **Curso de direitos fundamentais**. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARX, K. **Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro**. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MARX, W. “É possível conhecer a verdade sobre a tragédia grega?” Trad. Fábio Roberto Lucas. *In: Opiniões: Revista dos alunos de Literatura Brasileira*. São Paulo: FFLCH: USP, n.14, 2019. p. 158-165.
- MASTRONARDE, D. J. Text and transmission. *In: MCCLURE, Laura (ed.). A companion to Eurípidés*. Chichester: John Wiley, 2017. p. 11-26.
- MORAWETZ, T. “Law and Literature” *In: PATTERSON, Dennis (Ed). A Companion to Philosophy and Legal Theory*. Cambridge: Blackwell, 1996, p. 450-461.
- MOTA, M. “Teatro grego: novas perspectivas” *In: CORNELLI, G.; COSTA; G. G. da (orgs.). Estudos clássicos III: cinema, literatura, teatro e arte*. Brasília: Cátedra UNESCO Archai, UNESCO Brasil, Annablume Editora; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. p. 87-105.
- MOUNIN, G. **Os problemas teóricos da tradução**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

NIETZSCHE, F. **A Gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. **Escritos sobre História**. Trad. Noéli Correia de melo Sobrinho. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora PUC-Rio/Edições Loyola, 2005a.

NIETZSCHE, F. **A visão dionisiaca do mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

NIETZSCHE, F. **Introdução à tragédia de Sófocles**. Trad. Ernani Chaves. Jorge Zahar Editores. Rio de Janeiro, 2006.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NONNUS. **Dionysiaca**. Translated by Willian Henry Denham Rouse. Loeb Classical Library. Vol. I, II, III. Cambridge, MA: Harvard UP, 1940.

NORWOOD, G. **The riddle of the Bacchae**. London: Victoria University of Manchester, 1908.

NUSSBAUM, M. C. **A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega**. Trad. Ana Aguiar Cotrim. Rev. Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

OST, F. **Contar a lei: as fontes do imaginário jurídico**. Trad. Paulo Neves. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Trad. Vera Lucia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2003.

PANTEL, P. S. “Imagens e história grega”. *In: História e imagem: múltiplas leituras*. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (org.). Niterói: Editora da UFF, 2013. p. 9-28.

PARSONS, M. “Self-knowledge Refused and Accepted: a Psychoanalytic Perspective on the Bacchae and Oedipus at Colonus” *In: Bulletin of the Institute for Classical Studies 35*, Oxford University Press, 1988. p. 1-14.

PEREIRA, A. L. G. **Confluências entre mito, literatura e direito em Édipo Rei, de Sófocles. Dissertação** (Mestrado em Letras) Universidade Estadual Paulista — Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2015.

PEREIRA, M. H. R. **Estudos de história da cultura clássica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. p. 411.

PLATÃO. **Protágoras**. Trad. Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1999.

PLATÃO. **A república**. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Trad. Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2015.

- PLATÃO. **As leis, ou da legislação e epinomis**. Trad. Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2010.
- PODLECKI, A. J. **The Political Background of Aeschylean Tragedy**. London: Bristol Classical Press, 1999.
- PULQUÉRIO, M. O. “Um testamento ideológico: ‘As Bacantes’ de Eurípides” *In: Humanitas*, Coimbra, n. 39-40, 1987-1988. p. 25-41.
- REALE, M. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- REINHARDT, K. **Sófocles**. Trad. Oliver Trolle. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- REMO, G. Aristotle, Antigone and Natural Justice. *In: History of Political Thought*. Exeter, England: Inprint Academic, v. 29, n. 4, 2008. p. 585-600.
- REHM, R. **The play of space: spatial transformation in Greek tragedy**. Princeton: Princeton University Press, 2002.
- REVERMANN, M. “The Competence of Theatre Audiences in Fifth and Fourth Century Athens”. *In: Journal of Hellenic Studies*. Cambridge UP. Nov./ 2006. v. 126. p. 99-124.
- RIBEIRO JUNIOR, W. A. “Paradigmas do sacrifício humano em Eurípides”. CARDOSO, Z. de A.; DUARTE, A. da S. (orgs.). *In: Estudos sobre o teatro antigo*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 193-211.
- RIBEIRO JUNIOR, W. A. “Cenário da ‘Ifigênia em Táuris’, de Eurípides”. **Portal Graecia Antiqua**. 2014. Disponível em: greeciantiga.org/img.asp?num=1131. Acesso em: 05, fev., 2020.
- RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.
- ROMILLY, J. de. **A tragédia grega**. Trad. Leonor Santa Bárbara. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2013.
- ROSELLI, D. K. **Theater of the People: Spectators and Society in Ancient Athens**. University of Texas Press, 2012.
- ROSENFELD, K. **Antígona – de Sófocles a Hölderlin**. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- ROSENFELD, K. **Sófocles e Antígona**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ROSENFELD, K. **Antígona, intriga e enigma: Sófocles lido por Hölderlin**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- RUFFELL, I. Audience and emotion in the reception of Greek drama *In: Performance, Iconography, Reception: Studies in Honour of Oliver Taplin*. Revermann, M. and Wilson, P. (eds.). Oxford: Oxford UP, 2008. p. 35-58.
- RUTHVEN, K. K. **O mito**. Trad. Esther Eva Horivitz de BeerMann. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SALE, W. "The psychoanalysis of Pentheus in the Bacchae of Eurípides" *In: Yale Classical Studies* 22, 1972. p. 63-82.

SANDYS, J. E. **The Bacchae of Eurípides**. Cambridge: UP, 1900.

SEGAL, C. **Dionysiac Poetics and Eurípides' Bacchae**. New Jersey: Princeton UP, 1997.

SEGAL, C. **Sophocles' Tragic World. Divinity, Nature, Society**. Harvard: UP, 1998.

SERRA, O. "Rei Édipo" *In: Rei Édipo*. Trad. Ordep Serra. São Paulo: Peixoto Neto, 2004.

SERRA, O. **Breve reflexão sobre a tragédia sofocleana**. Disponível em: <http://ordep Serra.files.wordpress.com/2009/01/breve-reflexao-sobre-a-tragedia-sofocleana-reiedipo.pdf>. Acesso em: 04, ago., 2018.

SCHELLING, F. W. J. **Historical-Critical Introduction to the Philosophy of Mythology**. Trans. Mason Richey and Markus Zisselsberger. Albany: State University of New York Press, 2007.

SCHILLER, F. **Teoria da tragédia**. Trad. Flávio Meurer. São Paulo: EPU, 1991.

SCHLEGEL, A. W. **Courses of Lectures on Dramatic Art and Literature**. Trans. John Black. London: Baldwin, Cradock and Joy, 1815, v. 1.

SCHÜLER, D. "O enigma de Édipo" *In: Édipo rei*. Trad. de Donaldo Schüler. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004. p. 5-76.

SCHWARTZ, G. A. D. **A Constituição, a literatura e o direito**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

SEAFORD, R. **Eurípides: Bacchae**. Warminster: Aris & Phillips, 1996.

SHELLEY, P. **Prometeu desacorrentado e outros poemas**. Trad. Adriano Scandolaro. São Paulo: Autêntica Editora, 2015.

SIDAHMED, M. Skeletal remains 'confirm ancient Greeks engaged in human sacrifice'. **The Guardian**. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2016/aug/10/skeletal-remains-confirm-ancient-greeks-engaged-in-human-sacrifice>. Acesso em: 27, jan., 2020.

SILVA, A. A. da. "Edgar Quinet e o romantismo" *In: Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 12-13, 2013. p. 287-306.

SÓFOCLES. **Antígone**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana: Édipo rei, Édipo em Colono, Antígona**. Trad. de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SOMMERSTEIN, A. H. **Greek Drama and Dramatists**. Londres: Routledge Press, 2002.

SOTTOMAYOR, A. P. Q. “Introdução” *In: ÉSQUILO. Prometeu agrilhado*. Trad. Ana Paulo Quintela Sottomayor. Lisboa: Edições 70, 2008.

SPITTELER, C. F. G. **Prometheus and Epimetheus**. Trans. James F. Muirhead. New York: Charles Scribner's Sons, 1931.

STEINER, G. **Antígonas**. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1995.

TAPLIN, O. Aeschylean silences and silences in Aeschylus *In: Harvard Studies in Classical Philology*, Harvard: UP, v. 76, 1972. p. 57 -97.

TAPLIN, O. Fifth-Century Tragedy and Comedy: A Synkrisis. *In: The Journal of Hellenic Studies*. Cambridge: UP, v. 106, 1986. p. 163–174.

TORRANO, J. A. A. “Traduzindo Bakxai por As Bacas” *In: Revista Re-Produção*. n. 5. 2018. Disponível em: <http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/revista-reproducao/ver-noticia.php?id=102>. Acesso em: 13, out., 2019.

TRINDADE, A. K.; GUBERT, R. M. “Direito e literatura: aproximações e perspectivas para se repensar o direito” *In: TRINDADE, A. K.; et al (org.). Direito & Literatura: reflexões teóricas*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2008. p. 11-66.

TROUSSON, R. **Prometeu na literatura**. Trad. Evaristo Santos et. al. Porto: Rés. 1992.

TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1999.

VERNANT, J.-P. **As origens do pensamento grego**. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Difel, 1977.

VERNANT, J.-P. “A bela morte e o cadáver ultrajado” *In: Revista Discurso*, São Paulo, n. 9, 1978. p. 31-62.

VERNANT, J.-P. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Trad. Haiganuch Sarin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERNANT, J.-P. **O universo, os deuses, os homens**. Trad. Rosa Freire d'Águiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VERNANT, J.-P. **Entre mito e política**. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: EdUSP, 2001.

VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. Trad. Bertha Halpem Gurovitz. São Paulo: Brasiliense, 2008.

VERRALL, A. W. **Eurípides, the Rationalist. A study in the history of art and in religion**. Cambridge: Cambridge UP, 1895.

VIDA DE ÉSQUILO. Trad. Marcus Mota. *In: Rónai: revista de estudos clássicos e tradutórios*, Juiz de Fora: UFJF, v.6 n.2, 2018. p. 52-62.

VIEIRA, T. “Titania Olímpica” *In: Três tragédias gregas: Antígone, Prometeu prisioneiro, Ajax*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 133-141.

VIEIRA, T. “A voz contrária de Antígone”. *In: Antígone*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 11-21.

VIEIRA, T. “Introdução” *In: EURÍPIDES. As bacantes*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

VOVOLIS, T. Acoustical Masks and Sound Aspects of Ancient Greek Theatre. *In: Clássica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. Belo Horizonte, v. 25, n. 1/2, 2012. p. 149-173.

WARD, I. *Law and Literature. Possibilities and Perspectives*. New York: Cambridge UP, 1995.

WEISBERG, R. *Poethics and Other Strategies of Law and Literature*. New York: Columbia UP, 1992.

WEISBERG, R.; BARRICELLI, J.-P. Literature and the Law. *In: BARRICELLI, J.-P.; GIBALDI, J. (org.). Interrelations of Literature*. New York: PMLA, 1982. p. 150-175.

WEST, R. Communities, Texts and Law: Reflections on the Law and Literature Movement. *In: Yale Journal of law and humanities*, New Haven, v. 1, n. 1, 1988. p. 129-156.

WHITE, J. B. *The Legal Imagination: Studies in the Nature of the Legal Thought and Expression*. Boston: Little, Brown & Co, 1973.

WIGMORE, J. A List of Legal Novels. *In: Illinois Law Review*, Champaign, n. 3, p. 574-596, April, 1908.

WINNINGTON-INGRAM, R. P. Creon and Antigone. *In: WINNINGTON-INGRAM, R. P. Sophocles*. Cambridge UP, 1980. p. 117-149.

WINNINGTON-INGRAM, R. P. Towards an Interpretation of Prometheus Bound. *In: Studies in Aeschylus*. Cambridge: Cambridge UP, 1983.

WINNINGTON-INGRAM, R. P. *Eurípidés and Dionysus an interpretation of the Bacchae*. Londres: Paperbacks, 2003.

YACK, B. Natural Right and Aristotle’s Understanding of Justice. *In: Political Theory*. New York: SAGE Publishing, v. 18, n. 2, 1990. p. 216-237.

ZAIMAN, L. B. *Os gregos e seus deuses: prática e representações religiosas da cidade na época clássica*. Trad. Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

ZEITLIN, F. Playing the Other: Theater, Theatricality, and the Feminine in Greek Drama *In: Nothing to do with Dionysos? Athenian drama in its social context*. ZEITLIN, Froma; WINKLER, John (eds.). Princeton: Princeton UP, 1990. p. 63-96.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática. 1989.

ZILBERMAN, R. “Recepção e leitura no horizonte da literatura”. *In: Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2008. p. 85-97.